

“Estou esperando cartas de casa” – relações familiares, infância e subjetividade nas cartas de Serafim Bertaso (1920-1922)

Isabel Schapuis Wendling¹

Resumo: Analisamos as cartas de Serafim Bertaso aos pais para compreender como esse menino, de família de elite, viveu sua infância, seus processos de subjetivação e conduta face a hierarquias e a normas familiares e escolares. Na linha da história das infâncias e da família, analisamos as cartas a partir do conceito da escrita de si de Michel Foucault, o que nos permitiu perceber que, desde criança, Serafim passou por mudanças e amadurecimentos, incorporando normas aprendidas na escola e cobradas pela família, enquanto, ao mesmo tempo, encontrava estratégias sobre como se portar.

Palavras-chave: Infâncias; Escrita de si; Família de elite.

¹ Doutoranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Mestra em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4549638093791875>. E-mail: isabel.wendling@live.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5104-4738>

"Estoy esperando cartas de casa" – relaciones familiares, infancia y subjetividad en las cartas de Serafim Bertaso (1920-1922)

Resumen: Analizamos las cartas de Serafim Bertaso a sus padres para comprender cómo este niño, proveniente de una familia de élite, vivió su infancia, sus procesos de subjetivación y conducta frente a jerarquías y normas familiares y escolares. En línea con la historia de la infancia y de la familia, analizamos las cartas a partir del concepto de autoescritura de Michel Foucault, lo que permitió darnos cuenta de que, desde niño, Serafim pasó por cambios y maduración, incorporando normas aprendidas en la escuela y demandada por la familia, y al mismo tiempo encontrar estrategias sobre cómo comportarse.

Palabras clave: Infancia; Autoescritura; Familia de élite.

Introdução

Serafim Bertaso, em 1920, era um menino de 12 anos, que saiu de casa para estudar no *Colégio Interno Júlio Theodorico*, em Curitiba. Seu pai fora Ernesto Bertaso, um imigrante italiano, ex-caixeiro-viajante, coronel da Guarda Nacional que, naquele momento, se havia tornado sócio-proprietário da empresa colonizadora *Bertaso, Maia e Cia*ⁱ. Sua mãe, Zenaide, nascida Ballista, de Bento Gonçalves/RS, descendente de imigrantes italianos, era filha de comerciantes de tecidos na cidade.

A família Bertaso vivia, desde 1918, uma ascensão social possibilitada pela empresa colonizadora de Ernesto, como também pelas redes sociais que haviam estabelecido desde que se haviam associado à família Ballista por motivos empresariais. Por conta dessa ascensão social, Serafim, seu irmão mais novo, Jayme, e sua irmã mais velha, Elza, tiveram acesso a uma educação de maior qualidade, em razão das condições financeiras de seus pais e por deram importância à educação, o que lhes permitiu enviá-los a colégios privados nas capitais do País. Os colégios nos quais estudaram eram confessionais, católicos e específicos para seus gêneros, ou seja, direcionados a meninos ou meninas.

Dessas escolas é que Serafim, sua irmã e irmão começaram a escrever cartas aos paisⁱⁱ. Cartas, essas, carregadas de saudades, afetos e expectativas com relação a novidades, lembranças ou aproximações. Missivas compostas de relatos de crianças sobre si mesmas em seus cotidianos. Tais cartas já possuem uma característica importante para os estudos das infâncias, por serem produtos de crianças sobre a própria infância. Como já afirmou Susana Sosenski: “Pocos niños y niñas antes del siglo XX escribieron, y fueron mínimos los testimonios infantiles que los sujetos adultos consideraron dignos de preservación. Las opiniones infantiles no se consideraban importantes”ⁱⁱⁱ.

Abordar a infância a partir de fontes produzidas por crianças é uma tarefa de extrema importância para que possamos perceber, a partir de sua fala e de seu olhar infantil, enquanto sujeitos de experiências, interpretações e percepções do mundo, pois permite considerar que “[...]crianças, adolescentes e jovens são portadores também de agência”^{iv}. Em um mundo adultocêntrico, em que a voz das crianças é subalterna e ignorada, dar abertura a seus escritos e produtos permite mudar a perspectiva sobre suas experiências e compreender com maior riqueza como e de que maneira as crianças vivem e perceber que eles também têm capacidade de decisões e de “alterar o mundo” onde vivem.

Anete Abramowicz, sobre a Sociologia da Infância, reflete:

É o adulto quem fala na nossa hierárquica ordem discursiva. É importante destacar que não há algo na fala das crianças que seja excepcional ou diferente (apesar de que pode casualmente até haver), mas, a criança, ao falar, faz uma inversão hierárquica discursiva que faz falar aquelas cujas falas não são levadas em conta, não são consideradas.^v

Esta é a razão pela qual nos valemos da voz de Serafim para explorar, no espaço da família, a infância vivida por ele, através de sua própria narrativa e ponto de vista. Por meio dela é que percebe como se invertem as hierarquias, abrindo brecha para vislumbrar cenários e subjetividades que podem passar despercebidos nas narrativas de adultos.

É pertinente uma reflexão concisa acerca do contexto no qual essas cartas foram redigidas, visto que tal ambiente revela elementos que moldam o estilo de escrita. Conforme Malatian^{vi}, a potencial trivialidade na análise desses documentos pode ser elidida mediante um exame cuidadoso de seus processos de criação. Considerando que as cartas emanam de uma criança, não se pode ignorar a presença subjacente de figuras adultas na narrativa, especialmente por terem sido compostas em âmbito escolar, onde é plausível que ocorram sutis

intervenções pedagógicas, tanto na revisão quanto na orientação do conteúdo^{vii}. Embora não se coloque em xeque a integridade da fonte, sua análise em relação ao contexto social de produção enriquece o entendimento e aprofunda o estudo. As cartas, apesar de refletirem influências externas, constituem para Serafim (e outras crianças) um meio não apenas de comunicação com seus familiares, mas também um canal para autoexpressão, resistência, manifestação de sentimentos, reivindicações familiares e afirmação pessoal.

Ana Silvia Volpi Scott^{viii} afirmou que é em razão da idade que se estabelecem papéis desiguais e diferenças entre os integrantes da família. Neste sentido, podemos pensar que os pais poderiam perceber a escrita das cartas de Serafim como uma “obrigação”, função mínima que não parecia pertencer igualmente aos pais. Como, à época, era a relação de pais e filhos por meio das correspondências? Acreditamos que o próprio Serafim, em dado momento, tenha percebido essa dimensão hierárquica entre pais e filhos. A questão, entretanto, é se ele, de certa forma, se teria conformado com a posição dos pais em relação às correspondências ou teria cobrado novos posicionamentos, em caso positivo, como o fez? Haveria Serafim, enquanto criança e filho, encontrado espaço na escrita epistolar para se expressar, se impor e construir agência mesmo diante das normas e cobranças escolares e familiares?

Este artigo tem por objetivo analisar as cartas de Serafim Bertaso, remetidas aos pais durante sua infância no período em que estudava em colégios internos, visando compreender o processo de construção de si e a agência dessa criança entre as cobranças e expectativas da família. Iremos avaliar também, na *escrita e no “si”* do menino, como ele refletia sobre seu cotidiano e como buscava manter a relação com a família por meio da troca de missivas. Considerando que, diante das hierarquias escolares e familiares, Serafim passava por cobranças, evidencia-

se a ocorrência de um processo de subjetivação às normas e um agenciamento de si, que supomos possam ser percebidos nas correspondências e escritas de si.

O artigo está organizado em duas partes: a primeira, refere-se ao ano de 1920, no qual Serafim estudou no Colégio Júlio Theodorico, em Curitiba. Esta parte nos permite refletir sobre as relações familiares e o processo de sujeição do menino, além de analisar como ele expressava suas emoções e a experiência da separação, mesmo diante de cobranças familiares.

Já na segunda parte analisamos os anos de 1921 a 1922, quando Serafim muda para São Paulo e passa a estudar no colégio Anglo-brasileiro. Nesse momento, ele se mostra mais maduro, responsável, e elabora gostos, modos de ser que podem ser percebidos nos relatos das experiências e no cotidiano escolar.

“Muitas saudades de todos” – relações familiares e emoções

As cartas, entendidas como espaço para a elaboração de uma escrita de si^{ix}, foi uma atividade pouco utilizada por crianças no início do século XX, pois os materiais eram caros e, portanto, raramente confiados a menores, dada a pouca valorização atribuída às suas palavras. No entanto, como membro de uma família abastada e de elite, Serafim e seus irmãos, distantes do lar, dependiam da correspondência epistolar para se comunicar e preservar os vínculos afetivos com sua família. Isso confere especial importância à análise de sua escrita que, desde os dez anos, idade em que passaram a dispor da oportunidade de redigir, enviar e expressar seus pensamentos.

A troca de correspondências de Serafim com seus pais teve início em 1920, quando o menino se encontrava em Curitiba/PR, matriculado no Colégio Júlio Theodorico. Embora residente no internato, frequentemente passava fins de semana na companhia de uma tia (cujo nome não foi encontrado) e do primo Ary. Estes parentes assumiam parcialmente o cuidado com suas necessidades

básicas, incluindo vestuário, alimentação e atenção. Do conjunto de cartas redigidas naquele ano, apenas sete persistem até hoje, datadas dos meses de junho, julho, setembro e agosto de 1920.

Em suas cartas, com uma escrita com rasuras, erros ortográficos, falta de pontuação e pouco cuidado com as normas de conveniência epistolar^x, Serafim era capaz de comunicar e expressar o que sentia. Nos esboços narrativos do cotidiano, o menino conseguia fazer pedidos, transmitir sentimentos e evocar a memória familiar, como é possível conferir na missiva de 29 de junho na imagem abaixo (Fig. 1).

Assumimos aqui que as práticas de escrita de cartas, suas normas e regras são aprendidas na escola. Maria Teresa de Santos Cunha refletiu sobre as cartas:

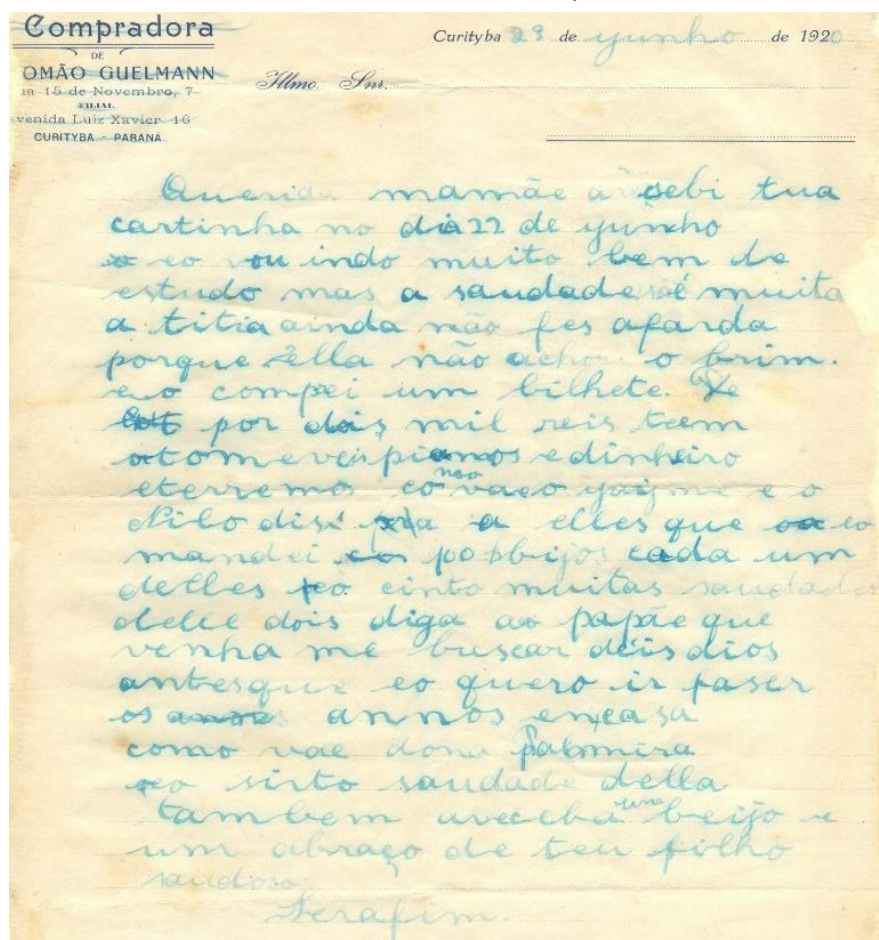
Como objetos materiais, recheados de práticas culturais de uma época, as cartas trazem marcas da modelização de práticas de escritas escolares, seja na caligrafia caprichada, seja nos borrões disfarçados e até na observância dos protocolos de correspondência ensinados em tantos manuais que circularam no espaço escolar como, por exemplo, aqueles que normatizavam o uso correto das linhas tracejadas ou mesmo as formas de tratamento cerimoniosos ensinadas^{xi}.

As normatizações e padronizações da escrita epistolar tornaram-se comuns no século XX e é justamente a livros e manuais que circulavam na sociedade que Cunha estava se referindo, manuais e livros utilizados no cotidiano privado e também pelo ensino escolar. Serafim, no ano de 1920, ainda estava aprendendo a prática da escrita epistolar; talvez, por conta disso, além das normas ortográficas, os assuntos e as formas em que era iniciado, ainda esboçavam características da infância e da inocência.

Como podemos notar na carta, o menino vivia uma nova vida, em um colégio distinto, como interno, e era cuidado pela tia que morava na mesma

cidade. Em suas cartas são evidenciadas essas novas relações. A historiadora Ana Maria Mauad, ao discorrer sobre crianças da elite imperial no Brasil no século XIX, aponta que no convívio diário das crianças, além da responsabilidade integral da mãe, outros personagens giravam em torno do mundo da criança: o pai, a avó e as tias: “[...] quanto mais ricos e nobres, na escala social, tanto mais distante dos pais estavam as crianças”^{xii}. Apesar de se tratar de diferentes épocas, as elites dos séculos XIX e XX mantêm essa lógica da mãe no centro dos cuidados dos filhos e da casa, auxiliadas pelas tias e avós das crianças. A figura do pai ainda se mostra mais distante do cuidado com as roupas das crianças.

Figura 1 – Carta de Serafim à mãe – 29 de junho de 1920 (detalhe do papel timbrado e escrita)^{xiii}



Fonte: Coleção particular da família Bertaso – Arquivo do Ceom.

O caso de Serafim tem similaridades, mas não podemos esquecer que o menino viveu no início do século XX, quando vigente a norma familiar burguesa^{xiv} na qual a família Bertaso também pode estar identificada. A mãe se mantém no centro das relações privadas do menino; o pai já assume algumas relações do cuidado, mas, como veremos adiante, ainda assume a função patriarcal de prover a família financeiramente.

Como é possível notar na carta anterior, Serafim ainda possuía aproximação com o mundo infantil ao afirmar ter comprado um cartão com imagens de carros, pianos ou dinheiro. Os símbolos por si sós não remetem à infância, mas a uma infantilização, ou melhor, a imaginação e a brincadeiras. Enquanto entre os materiais de crianças era comum encontrar materiais com desenhos ou imagens e frequentes referências a brincadeiras, isso não era comum em materiais de adultos.

Raquel Zumbano Altman, ao analisar os brinquedos das crianças na história do Brasil, destaca que “por meio dos jogos, a criança manifesta suas emoções, estabelece conexões sociais, descobre sua capacidade de escolher, decidir e participar”^{xv}. Embora Serafim estivesse distante das brincadeiras que costumava compartilhar com seu irmão e seu primo, ele tentava se aproximar e participar por meio das cartas e da memória. Como ainda era uma criança, estava imerso nessas relações e atividades, típicas do cotidiano infantil. Discutir brincadeiras, amizades e o irmão com quem costumava brincar em casa eram assuntos que lhe interessavam e, provavelmente, representavam a parte do cotidiano que mais lhe fazia falta.

A nostalgia pelo lar emerge como tema recorrente nos escritos de Serafim, como se pode verificar nos seguintes recortes de suas missivas:

– “O Jayme brinca muito com o Nilo e brigam.”^{xvi};

– *“esto contente de saber que o Jayme vae e tu tambem o Nilo brinca muito com o Jayme elle ainda não brigou com o seu amiguinho”^{xvii}.*

O menino Serafim relembra seu companheiro nas brincadeiras, e pergunta sobre ele, que agora brincava com outras crianças em Guaporé. Pergunta como vão essas novas relações do irmão. Ele expressa, assim, uma falta, a falta do convívio com o irmão e antigos amigos. Pois como historiadora Maria Rosa Rodrigues de Camargo, no artigo *“Escreva-me urgente”*, analisa o gênero discursivo de cartas trocadas por duas amigas adolescentes: “Não é propriamente a carta o laço; é o pedaço de papel, as lembranças que afloram, e com elas o sentimento e a emoção de momentos passados, que também são laços. A carta é o veículo”^{xviii}.

No caso das cartas familiares de Serafim, podem-se considerar não somente como maneira de buscar tratar de assuntos com a família, mas como uma forma de manter os laços afetivos, de se aproximar e de não se sentir tão distante da realidade, implícita no “outro lado” da carta. Por isso, quando ele pergunta se “a bola do Jayme ainda resiste”^{xix}, ou quando pede à mãe: “diga ao Jayme que quando eu ir para casa eu quero entrar no club. É o Jayme o dono do club?”^{xx}, ele demonstra vontade de participar do cotidiano de brincadeiras com o irmão.

Às vezes, os sentimentos relacionados ao afastamento da família são expressos de forma direta e sem rodeios, como na carta de 6 de julho de 1920:

[...] cha te escrevi 2 cartas não recebeu nenhuma delas fiquei muito sentido de não receber nem uma delas na primeira carta que eu recebi da cenhora não pude me contentar de não chorar pois sinto saudades pois nunca estive tão longe de casa^{xxi}.

Além de relatar ter chorado de saudades, expressa um forte desapontamento por não terem respondido às suas cartas ou informado se as têm

recebido. Neste trecho, Serafim refere-se diretamente à expectativa de recebimento de cartas da família. Em razão do distanciamento geográfico e de sua dificuldade em se adaptar à nova situação, demonstra depositar muita expectativa no recebimento de respostas^{xxii}.

Interessante é observar que, apesar de a mãe obviamente saber que Serafim nunca tinha estado tão longe de casa, ele enfatiza esse fato em sua carta como forma de ressaltar o grau de saudades de casa ou de se justificar. Como filho e subalterno, sob os cuidados dos pais, aos quais deve obediência, e reconhece seu lugar na família. Contudo, ele também exerce agência ao expor sua tristeza e afirmar a excepcionalidade em que vive agora. Serafim estava desenvolvendo sua subjetividade no espaço social, nas relações com a família e outros sujeitos.

Quando Serafim manifesta que não pode se “contentar de não chorar”, revela, primeiramente, a tentativa de controlar a emoção, que não foi contida. Por sua vez, o choro mostra a tristeza e a saudade que sentia naquele momento. Mesmo que as emoções expressas pelo indivíduo em sua escrita possam conter exageros, ou controle sobre a realidade objetiva externa (como o ato de chorar, ou o de sorrir, um e outro demonstração das emoções), essa escrita da emoção ajuda a “desvelar a realidade subjetiva do escritor da fonte”^{xxiii}. Serafim, em suas cartas à mãe, tentava evidenciar o sofrimento com a distância; demonstrava-se sujeito que reconhecia seu lugar como filho, como criança separada ou distante da família.

Associada a essa saudade, manifesta-se a expectativa, frequentemente frustrada, por falta de respostas dos pais às suas missivas, gerando frustração, distanciamento e possível solidão. Tal aspecto é relevante, considerando que o intercâmbio de correspondências pressupõe a reciprocidade comunicativa. A ausência de equilíbrio nessa troca, percebida quando um dos correspondentes se

engaja mais do que o outro, pode comprometer a dinâmica da relação^{xxiv}. Questionam-se, portanto, as razões pelas quais um pai ou mãe falharia em responder ou o faria de maneira insatisfatória para o filho. Presumivelmente, isso decorre das estruturas hierárquicas familiares: enquanto os pais esperam que o filho demonstre diligência e relate como seus esforços estão sendo capitalizados, eles próprios não se veem obrigados a prestar contas da mesma forma, limitando-se a assegurar o bem-estar e o cuidado para com seus descendentes.

Serafim Bertaso revela também aspectos inesperados, considerando-se o contexto social e econômico de sua origem. Pertencendo a uma família abastada, da elite, não seria de esperar que ele vivenciasse sentimentos de tristeza ou solidão, pois, de acordo com Moura e Arend, existe uma tendência a se presumir que crianças pertencentes a estratos sociais médios e altos desfrutem de uma infância caracterizada por um estado de felicidade, suposição que contrasta com a percepção comum na infância das camadas menos abastadas;^{xxv} impressão essa que não necessariamente reflete a realidade.

Na terceira correspondência do ano em questão, um elemento notável desperta interesse: o tema recorrente da saudade cede lugar à declaração: "Quero estudar bastante para tirar boas notas". Essa transição do lamento pela distância para a ênfase sobre o desempenho acadêmico reflete o anseio de Serafim em atender às expectativas familiares, o que pode ter significado para ele um meio de mitigar a falta que sentia do lar e de "justificar" sua estadia em colégio interno. Subsequentemente, ele introduz indagações específicas sobre irmãos e outros parentes, revelando a privação do convívio familiar — ainda que, ocasionalmente, marcado por conflitos. Ademais, ao afirmar "não me falta nada", ele pressupõe que a família cumprirá com o suporte material necessário. Concluindo a carta, expressa gratidão — "de teu filho sempre grato" —, posicionando-se dentro da estrutura hierárquica familiar como o filho subordinado à autoridade parental, que

lhe provê os meios para uma educação formal e, conseqüentemente, mantém expectativas quanto ao seu aproveitamento.

Podemos perceber nesse período que Serafim vivencia um conflito interno, aparenta estar dividido entre a resignação por estar privado da família e numa escola longe de casa; e a gratidão sobre os bens materiais e educacionais que recebe. Talvez tal sentimento estivesse ligado à família, aquela que naquele momento significava proteção, segurança e aconchego^{xxvi} dos perigos do mundo externo. Naquele momento Serafim podia se sentir privado da proteção familiar, distante do aconchego, mas entendia necessário reconhecer os privilégios que a família estava fornecendo.

Além da preocupação com as antigas relações interrompidas pela distância, o menino manifesta aos pais sua insatisfação com a vida no colégio interno, em especial com a alimentação. Ele reclama que lá deve comer mais “bicho” do que feijão. Ao final da carta, porém, ele se coloca na posição de agradecido pela vida que os pais lhe fornecem – “[...] de teu filho sempre grato Serafim” – colocando-se novamente em posição de filho dentro da estrutura familiar. É um conflito entre a razão e os sentimentos, em que, por diversas vezes, os sentimentos se mostram com mais clareza.

Essa relação, experimentada e exposta nas cartas de Serafim, pode ser entendida mais claramente quando refletimos sobre as “idades da vida” ou as etapas da vida, pois, na sociedade moderna brasileira, a relação da família, pais e filhos, era moldada e gerida pelo fator idade^{xxvii}. Como já pontuamos anteriormente, havia uma hierarquia que seguia da infância à velhice, na qual a criança e o jovem, por não serem adultos, eram cuidados e geridos pelos pais adultos, e outros membros familiares mais velhos, tais como avós e tios. Essa hierarquia colocava o adulto no topo, ao que chamamos de adultocentrismo. Essa

hierarquização das idades também se encontra presente na escrita, pois, como conclui Mignot:

A escrita infantil está sempre, de um modo mais forte ou mais tênue, submetida às normas, ao controle do adulto, sejam os pais ou professores, controle este que pode aparecer tanto sob a forma de incentivo quanto de correção^{xxviii}.

Isto significa que as crianças, quando escrevem, levam também em consideração determinados padrões e normas pré-estabelecidos que geralmente condizem com relações de poder na família. Exigências e cobranças são colocadas por seus pais e pela escola, instituições (família e escola) responsáveis pelos cuidados da criança.

Quando Serafim expressa seu descontentamento e tristeza, ele oferece “resistência”^{xxix} ao que lhe foi imposto: à distância familiar e à nova rotina escolar.

Isso explica por que, ao final da carta, Serafim reitera a gratidão pela mãe ao assinar como “seu filho sempre grato”. Detalhe narrativo que chama a atenção em suas cartas do ano em análise é a presença constante do pedido: “diga ao papae que venha me buscar deis dias antes que eo quero ir fazer os anos em casa”^{xxx}; ou, que “o papae arranje para vim morar em Curityba”^{xxxi}. O menino busca alternativas para saciar a saudade, para aproximar-se da família. Em sua cabeça ele possivelmente raciocinava: se a escola era tão boa, por que o pai não poderia se instalar em Curitiba? Este pedido também pode expressar um pouco quem o pai era para Serafim: um homem responsável por negócios que geralmente não tinha tempo para cartas, mas, assim mesmo, alguém de quem dependia a decisão sobre o momento em que Serafim poderia voltar para casa ou o lugar onde a família iria morar. O menino não hesita em fazer pedidos, ou até mesmo a cobrar promessas do pai: “pergunte ao papae se ele esqueuse da promeça”^{xxxii}.

É nessas minúcias que podemos notar a agência de Serafim, que busca expor seus desejos enquanto mostra alternativa, quando quer ser lembrado pela família.

Não é somente por relações de afeto e saudades que as cartas de Serafim à mãe são caracterizadas. Muitas vezes, suas cartas também apresentam pequenos relatórios financeiros. Em 1920, ainda não há grandes ou claros relatórios de suas atividades escolares, mas ele se preocupa em justificar os gastos da família com ele. Geralmente são pequenas frases como: “eu recebi os vinte mil réis”^{xxxiii}, ou quando apresenta seus gastos: “eu comprei um bilhete por dois mil reis”. Serafim emprega diferentes funções para suas cartas; por vezes, para “matar as saudades”; em outras, para agradecer o recebimento de dinheiro ou lembrar o não recebimento dele. Em algumas delas, escreve para dizer como está indo no colégio, se está bem de saúde, etc. Neste sentido, Veronica Blas, em seu artigo *Escribir y servir. las cartas de una criada durante el Franquismo*, escreve:

Las funciones que las cartas desempeñan son tantas como diversas las situaciones y las razones que conducen a cada toma de la escritura, siempre en vinculación directa con la condición de quien escribe y las concretas motivaciones por las que lo hace^{xxxiv}.

Conforme Serafim cresce, passa por novas experiências e adquire habilidade na escrita. Suas cartas apresentam novas funções. Além disso, seus relatórios sobre as atividades e o desenvolvimento escolar se tornam mais claros e detalhados.

Outra escola, novas cobranças e outras preocupações – cotidiano e subjetivações

No ano de 1921, Serafim foi transferido de escola e passou a estudar no Colégio Anglo-Brasileiro, em São Paulo/SP, no qual permaneceu até 1922, o

equivalente a dois anos escolares. Neste mesmo período, sua irmã Elza também estudava em São Paulo, mas no Colégio Nossa Senhora de Sion^{xxxv}, um colégio feminino, também em regime de internato, o que facilitava algumas visitas do menino à irmã. Nesse mesmo período, seus pais se mudaram para Passo Fundo/RS, cidade próxima de Chapecó e da sede da comunidade em Passos dos Índios, facilitando os trabalhos e o tempo de viagem de Ernesto.

A primeira carta preservada de Serafim daquele ano, datada de 22 de fevereiro, foi endereçada à mãe, num papel pardo simples. A carta se inicia apresentando um pequeno relatório de viagem. Serafim havia chegado a São Paulo com o pai e a irmã, razão por que sua escrita muitas vezes usa o plural “nós”:

Querida Mamãe

Espero que esta te encontre com saude assim é de mim. Fommos muito bem de viagem foi só a Elza que enjoou. No domingo fomos passear de auto e fomos ao circo tinha Ellephante etc. a Elza entrou hontem no Collegio e noz fomoz no cinema e eu vou entrar amanhã o papae gastou trez contos so para mim da lembranças para o Jayme e o Stanislão e o João. O primeiro dia que cheguei aqui comi de mais fomos passear de bonde e comecei enjoar no meio da cidade o papae esta dormindo e eu não sei o que dizer, resseba um abraço e beijo de teu filho Serafim^{xxxvi}.

A carta, naquele momento, tinha a função de informar e deixar a mãe despreocupada, assim como também esclarecer quando cada um dos filhos, no caso Elza e Serafim, iria entrar nas escolas: “Elza entrou hontem no Collegio e noz fomoz no cinema e eu vou entrar amanhã [...]”. Nessa frase a informação de quando Serafim iria entrar no colégio quase ‘passa batido’, apesar de ter sido construída de maneira clara para ele. Entretanto, ele toma o cuidado de informar quando cada um vai entrar e quando ocorre no processo.

A referência aos passeios mostra a preocupação do pai em oferecer oportunidades aos filhos. Ele lhes abre as portas dessa grande cidade,

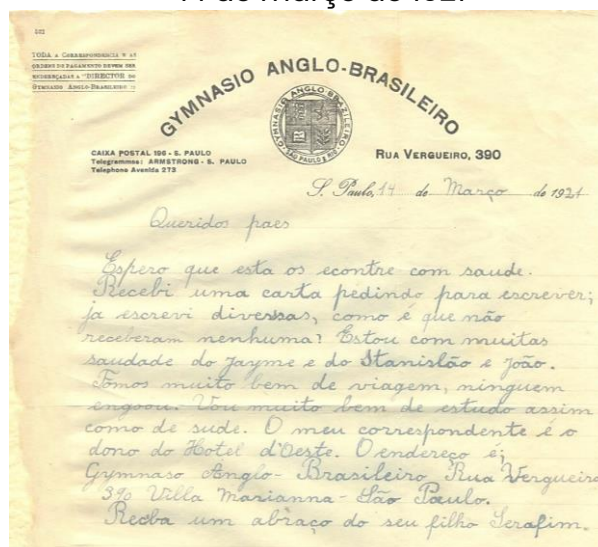
proporcionando o que a cidade grande tem a oferecer a estas crianças prestes a entrar num colégio de elite – cinema, circo, passeio de bonde, etc. Ao escrever o valor de 3 contos gastos pelo pai, expressa tanto sua estratégia em agradar o filho e o contentamento de Serafim com a atitude. É possível que a carta tenha sido impulsionada pelo pai, com a intenção de mandar notícias à mãe, o que justifica também o fato de Serafim finalizar com “o papae esta dormindo e eo não sei o que dizer”, fato que mostra certa dependência entre o que deve ser dito em cartas a adultos, e o medo ou o cuidado em dizer apenas o necessário.

A partir de sua entrada no Colégio Anglo-Brasileiro – que, segundo relatado em suas cartas, ocorreu no dia 25 de fevereiro –, as cartas de Serafim e sua forma de se relacionar com a família se alteram gradativamente. Isso pode ser notado já na segunda carta enviada do colégio, com a data de 14 de março de 1921, citada mais adiante.

Diante dessas mudanças na forma escrita, fica evidente a maior atuação da escola em como os alunos são vistos no mundo externo. O Ginásio Anglo-Brasileiro foi um colégio renomado, fundado em 1899 pelo inglês Charles Wicksteed Armstrong, com um *campus* presente em São Paulo e outro, no Rio de Janeiro. Segundo o historiador Pedro Frederico Falk, esses colégios serviam como internatos (*boarding schools*) para meninos de 6 a 16 anos, das elites, e de acordo com o sistema de colégio inglês, que preparava os meninos para o ensino superior ou a carreira comercial. Segundo Falk, havia uma preocupação da instituição com o ensino de disciplinas de conteúdo tradicional, como com o ensino da moralidade e o cuidado com a saúde a partir de princípios eugenistas.^{xxxvii}

No novo ambiente escolar, Serafim começa a incorporar práticas escolares. Sua escrita e suas experiências se alteram e podem ser notadas na escrita epistolar.

Figura 2 – Carta de Serafim Bertaso aos pais enviada do Ginásio Anglo-Brasileiro
– 14 de março de 1921



Fonte: Coleção particular da família Bertaso, Arquivo do Ceom.

Nesta carta, podemos notar que Serafim não a remete somente à mãe, mas, sim, aos pais. O papel timbrado demonstra a atuação da escola na comunicação entre alunos e famílias. Serafim ainda conversa sobre os mesmos assuntos com os pais, mas sua caligrafia aparece mais cuidadosa; suas frases vêm mais bem pontuadas e não há erros ou rasuras no corpo do texto. A escrita também parece ser mais objetiva. A escola, provavelmente, teria influenciado na elaboração de rascunhos, adequando a escrita às devidas normas.

Serafim ainda fala sobre saudade, especialmente do irmão mais novo, Jayme, e de dois amigos, assim como no ano anterior. Contudo, após a entrada no colégio, escreve mais sobre seu cotidiano escolar. Mudança essa que se pode atribuir a dois fatores: ao de suas experiências, que cada vez mais o afastam das memórias de casa, como também ao ensino da escrita epistolar, por influência da escola.

O ensino da escrita epistolar era uma matéria comum no final do século XIX e ao longo do século XX, como afirmou Maria Teresa de Santos Cunha (2013). Em

geral, segundo a autora, essa educação tinha como “fim último a socialização dos alunos e a prática de regras de civilidades de conduta social e moral”^{xxxviii}. Se, como supomos, anteriormente a escola atuava frente à produção de rascunhos das cartas, possivelmente também influenciava na escolha de assuntos escritos, recomendando que os alunos não usassem muito de lamentações que não teriam um bom tom social, indicando a mudança sobre relatos do cotidiano, sobre aprendizados, escrita que adentraria melhor a conduta de jovens meninos com bom aproveitamento do investimento familiar.

Segundo Bastos, em álbuns escolares confeccionados por professoras do Colégio Farroupilha (Porto Alegre/RS), havia também cartas de alunos em que transparece a atenção para com o ensino da prática epistolar:

[...] como um processo educativo e de construção da representação do aluno, da sua aprendizagem e da escola. Expressa um discurso que produz o próprio sujeito, com o objetivo de formar uma determinada identidade: de aluno e de pessoa. A atividade, além de exercitar a letra, tornando-a bonita, homogênea e limpa, é uma atividade voltada a produzir o bom aluno e o cidadão com características desejáveis aos padrões sociais da época^{xxxix}

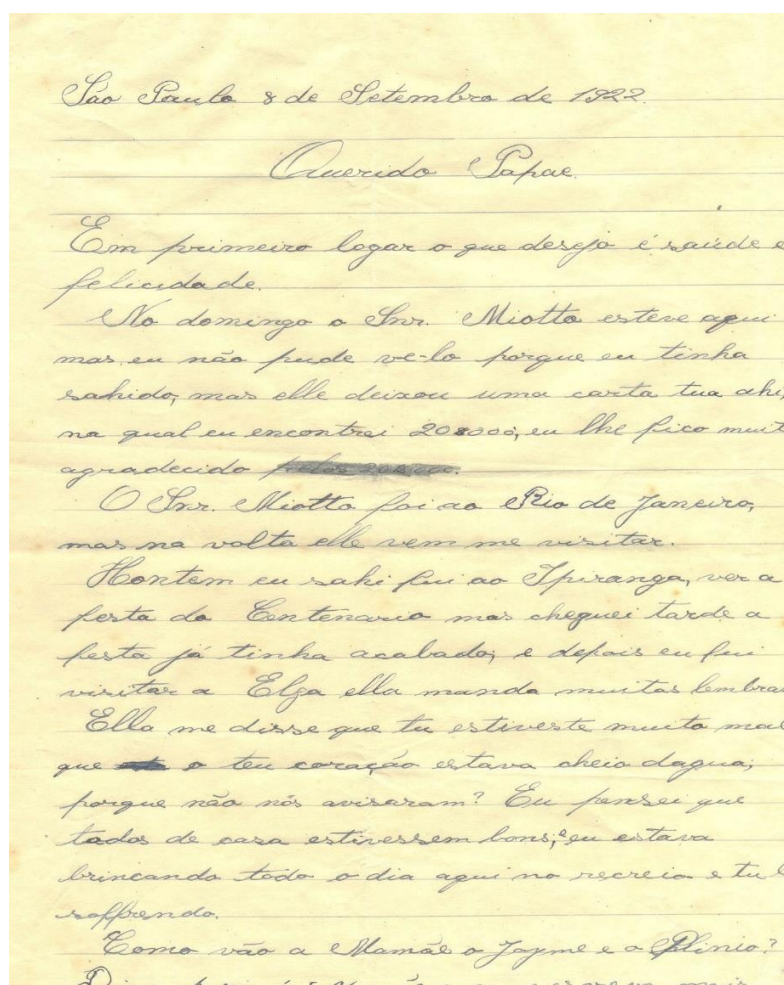
Embora não possamos afirmar com certeza se as escolas frequentadas por Serafim produziam materiais semelhantes aos estudados por Bastos, é evidente que a escola desempenhava um papel tanto no ensino de caligrafia quanto no da gramática. As mudanças observadas em sua escrita, como a inclusão de dados como o número de matrícula nas cartas e a série que estava cursando, indicam que a instituição de ensino estava atenta às práticas da escrita epistolar de seus alunos.

Nos relatos do cotidiano, verificamos que Serafim aborda desde o cotidiano de matérias, provas, e saídas com o batalhão escolar. Outras vezes, abordava saídas de fim de semana em que ia acompanhado de seu correspondente, o “Sr.

Miotto”, responsável pela família por cuidar do menino. Nessas saídas, Serafim aproveitava para visitar sua irmã no Colégio de Sion e para enviar cartas fora da escola.

Um caso interessante é quando ele remete uma carta (uma das poucas) a o seu pai, Ernesto, e comenta estar chateado com ele, porque descobrira apenas pela irmã que ele estivera doente. Ele lamenta ter passado os dias brincando enquanto seu pai sofria, demonstrando sentimento de culpa. Essa carta não possui o timbre da escola e aparenta ter sido enviada de fora dela, pois é mais longa que normalmente. Ela não foi endereçada “aos pais”, como era comum nas cartas com o timbre da escola, mas ao “Querido Papae”.

Figura 2 – Carta de Serafim ao Pai – São Paulo, 8 de setembro de 1922



Fonte: Coleção Particular da família Bertaso – Arquivo do Ceom.

A correspondência em questão exhibe distinções notáveis quando comparada às missivas institucionais emitidas em papel timbrado da escola, dirigidas aos pais. Uma análise preliminar revela que Serafim aborda temáticas adicionais, mencionando o "Sr. Miotto" e seu deslocamento ao Ipiranga para uma celebração, além de comentar acerca da condição de saúde precária do genitor. É imperativo considerar a dinâmica estabelecida com o destinatário: a epístola é composta e expedida especificamente ao pai. Nela, Serafim se concentra em tópicos de presumível interesse em relação a ele. Observa-se que Serafim efetua múltiplas correções no decorrer do texto, indicativo de que não procedeu à elaboração de um esboço preliminar ou dispensou menor atenção durante a transcrição para o documento definitivo.

A carta foi escrita com uma motivação apresentada de forma quase direta no desenvolver da redação. Inicialmente, ele fala sobre dois assuntos que parecem interessar ao pai. Informa sobre a visita do amigo do pai e agradece o envelope com um valor em dinheiro que recebeu dele: "No domingo o Snr. Miotto esteve aqui mas eu não pude vê-lo porque eu tinha saído, mas ele deixou uma carta tua ahi, na qual eu encontrei 20\$000; eu lhe fico muito agradecido pelos 20\$000", o que demonstra a necessidade de terceiros, caso do Sr. Miotto, responsável tanto pela chegada de notícias da família, quanto para entregar dinheiro às crianças.

Serafim expõe suas relações entre o corpo e as emoções. Expressa aquilo que gostaria que os pais percebessem: a empatia, o cuidado e a preocupação. Não saber sobre a real situação de saúde da família, mesmo que eles escrevessem cartas para ambos os filhos, pode representar para o menino a falta de reciprocidade do pacto epistolar.

Serafim conclui sua carta pedindo mais cartas da mãe e dos irmãos:

Diga para a Mamãe que me escreva mais seguido, porque si não eu fasso da moda da Elza só escrevo cartas quando recebe; e diga tambem que ella escreva uma carta mais ou

menos como esta não de duas ou trez linhas. Diga ao Jayme e o Plinio que esperimentem me escrever uma cartinha para ver qual é o mais adiantado, mas não vá fazer para elles Dê lembranças a todos de casa. Sem mais queira aceitar um affectuoso abraço do inesquecível filho, Serafim^{xi}

Já que o convívio não é mais cotidiano, como antes, na casa da família, vê-se aqui a cobrança de Serafim – “Diga a mamãe que me escreva mais seguido” –, no sentido de tornar a correspondência mais frequente e intensa como forma de aliviar a ausência da família em seu cotidiano. A historiadora Teresa Malatian^{xii} distingue as correspondências dos “tempos mortos” – dos períodos normais, cotidianos sem novidades marcantes – e dos “tempos fortes” – que constituem datas festivas, aniversários, Natal, ano novo, etc. Ele, então, reforça sua frustração com o pacto epistolar^{xiii} que tem com a mãe e a família.

Quando ameaça fazer como Elza – não escrever aos pais enquanto não recebesse cartas primeiro –, Serafim demonstra o desequilíbrio nesse acordo epistolar familiar. Contudo, ele próprio escreve cartas curtas e, por vezes, acaba se justificando – talvez por cobranças da família – que suas cartas curtas se dão pela falta de novidades: “as minhas cartas são muitos curtas, porque aqui no collegio não há novidade”^{xliii}. E ainda encerra sua carta com um “afetuoso abraço do inesquecível filho”, reforçando, com a autoidentificação – “inesquecível filho” –, a cobrança para que a família se lembrasse dele.

Suas cartas tornaram-se, aos poucos, um relatório escolar; algumas vezes, com mais detalhes que outras. A escrita de cartas geralmente vem acompanhada de relatos do cotidiano. Esses relatos fazem parte tanto da norma, como uma maneira de o sujeito se colocar diante do outro através das experiências diárias^{xliv}. Os relatos do cotidiano também aproximam os correspondentes. A seguir, um trecho de carta que traz algumas características desses relatos:

*No dia 29, sabado, ás 12, 15 horas haverá uma palestra sobre 7 de setembro, feita pelo professor do collegio nosso lente Snr. Cavalheiro. No 5 de agosto o Snr. Roberto Moreira deputado fará uma palestra sobre “Olavo Bilac” poesia e patriotismo. O Papae já veio de Guaporé?
Aqui em São Paulo faz tempo que não chove. Domingo eu não sahi e por isto não pude ir visitar a Elza.
Dê lembranças a todos de casa. A Dna. Palmira já veio de Guaporé?[...]*

Como é possível notar, essa carta é muito mais detalhada, pois não se limita a impressões do cotidiano. Serafim busca, aqui, demonstrar o quanto anda atarefado e aproveitando as atividades da escola. Nota-se o tom de relatório justamente por sua pouca presença em sua narrativa e pela forma como se justifica por atividades que não pode fazer. O “eu” da narrativa está mais escondido, nas escolhas sobre o que interessa contar do dia e nas perguntas que faz.

Enquanto família burguesa, os pais utilizavam as cartas como meio de verificar a dedicação e o aproveitamento escolar de seus filhos, que deveriam valorizar o investimento da família. Fica evidente que a família Bertaso se aproximava dos ideais liberais ao buscar nos filhos a valorização do trabalho, do estudo e da dedicação para alcançar “bons frutos” e ascender economicamente. Serafim agencia essa relação com a família e a escola; demonstra, em seus relatos, sua participação e dedicação com as atividades escolares, satisfazendo os desejos da família.

Entretanto, consideramos, apesar do tom de relatório, que Serafim ainda se encontra nesses seus relatos cotidianos, pois é neles, no relato do dia “normal” que o sujeito realiza um exame de si^{xiv}, assume consciência de si, das atividades do corpo, da alma, das escolhas e as expressa na escrita da carta.

Considerações

O contraste de dois períodos, de duas fases diferentes da escrita de Serafim, foi capaz de enriquecer as análises, tanto para notar traços subjetivos de uma infância de elite, como também da atuação da escola e da família sobre a criança e o processo de amadurecimento do menino. Pudemos notar que, se no primeiro ano Serafim tinha maior liberdade para escrever da forma que sabia e sobre o que tinha interesse, nos anos seguintes sua escrita passa por uma adequação às normas epistolares.

Contudo, ao conhecer as normas, o menino encontra formas de as utilizar a seu modo e encontra estratégias para dizer o que pensa nos relatos do cotidiano escrevendo sobre o que considera que irá agradar mais a seus pais e à instituição escolar, pontuando, nas “entre linhas”, de forma indireta, o que lhe interessa. Também notamos sua busca por alternativas de resistência às normas, enviando cartas “por fora” da escola, o que dava maior abertura para escrever com menor cuidado.

Por meio das cartas de Serafim, pudemos notar o jogo hierárquico entre a criança, os pais e a escola e as várias formas de agência do menino, que encontrava nas correspondências formas de manter o laço afetivo, familiar e de se expressar.

Notas

ⁱ A empresa foi responsável pela compra, demarcação e venda de terras da região em Chapecó/SC.

ⁱⁱ As cartas de Elza, Serafim e Jayme compõem o acervo da família Bertaso, disponível no Centro de memória de Santa Catarina, da Unochapecó (Ceom). Junto delas há também documentos escolares, cartas de Plínio, Ernesto, entre outros sujeitos. O arquivo conta com 722 documentos. Esse acervo foi doado por familiares no início dos anos 2000 (não há registro exato de quem o doou, nem quando) e encontram-se disponíveis no Ceom para pesquisa.

ⁱⁱⁱ 2016, p. 47.

^{iv} AREND, Silvia Maria Fávero; MOURA, Esmeralda Blanco B. de. Um norte em comum: infância no sul do Brasil na produção historiográfica brasileira. In: CARDOZO, José Carlos da Silva et al (org.). História das crianças no Brasil Meridional. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2020, p. 53.

- v 2018, p. 376.
- vi MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: DE LUCA, Tania Regina, PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). **O historiador e suas fontes**. Editora Contexto, 2015.
- vii Id., 2015, p. 206
- viii AREND; MOURA, op. cit., 2020, p. 24-25.
- ix FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.
- x HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 87
- xi CUNHA, 2013, p. 120
- xii MAUAD, 2018, p. 16.
- xiii Transcrição da carta: “Querida mamãe recebi tua cartinha no dia 22 de junho Eo vou indo muito bem de estudo mas a saudade é muita a titia ainda não faz afarda porque ella não achou o brim. eo comprei um bilhete. Por dois mil reis tem automeveis pianos e dinheiro e terremos. Como vae o Jayme e o Nilo diga pra a elles que mandei 100 beijos cada um deles eo cinto muitas saudades delles dois diga ao papae que venha me buscar déis dias antes que eo quero ir faser annos encasa como vae dona Palmira eo sinto saudade della tambem receba um beijo e um abraço de teu filho saudoso Serafim” (BERTASO, Serafim. [carta] à mãe. Curitiba: 23 de junho de 1920.)
- xiv Enquanto norma familiar burguesa, Silvia Maria Fávero Arend afirma que a introdução da norma familiar burguesa na sociedade brasileira ocorreu, sobretudo, ao longo do século XX.” (2013, p. 153). Essa nova família “tornou-se sinônimo de pai, mãe e filhos consanguíneos. Os parentes (primos/as, tios/as, etc.) e os/as agregados/as (filhos/as de criação, serviços), paulatinamente, não foram mais aceitos/as no lar” (AREND, 2013, p. 151).
- xv ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na História. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 231-258. p. 254
- xvi BERTASO, Serafim. [carta] à mãe. Curitiba: 13 de jul. de 1920.
- xvii BERTASO, Serafim. [carta] à mãe. Curitiba: 22 de julho de 1920.
- xviii CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de; Cartas adolescente. Uma leitura e modo de ser.... In: MIGNOT, Ana Chrystina Venacio; BATOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Refúgios do eu: Tecendo Educação, História, Escrita Autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 17-27., p. 227.
- xix BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 8 de Agosto de 1920.
- xx BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 6 de setembro de 1920.
- xxi BERTASO, Serafim. carta [à mãe]. Curitiba: 6 de julho de 1920.
- xxii É esse o sentido apontado por Antonio Castillo Gómez ao analisar modelos e práticas epistolares na Espanha, ao escrever: “[...] o desejo de receber notícias, de obter resposta, conforma uma das expressões mais habituais no discurso epistolar” (2002, p. 24).
- xxiii ROSENWEIN, Barbara H. **História das emoções: problemas e métodos**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 31
- xxiv HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 126.
- xxv AREND; MOURA, op. cit., 2020, p. 53-54.
- xxvi Segundo Scott (2020), no século XX a noção de família estava associada a intimidade e a vida familiar ideal era agora aquela do ‘lar doce lar’, em que os membros da família encontravam em casa a ‘proteção’, o ‘aconchego’ e a ‘higiene’ que contrastavam com as ‘aguras’ e a poluição do mundo exterior.
- xxvii ARIÈS, Philippe. **História Social da infância e da família**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.
- xxviii MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Exercício de intimidade: uma aproximação com a aprendizagem da escrita de si. **Revista da Faebea: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, jun. 2013, p. 237-246. p. 244.
- xxix Segundo Judith Revel, a noção de resistência é entendida por Foucault como “a maneira pela qual o indivíduo singular, por meio de um procedimento que é, em geral, de escritura, consegue, de

maneira voluntária ou fortuita, ‘escapar’ dos dispositivos de identificação, de classificação e de normalização do discurso.” Não entende que seja “fundamentalmente contra o poder que nascem as lutas, mas contra certos efeitos de poder”, mas “contra certos estados de dominação, num espaço que foi, paradoxalmente, aberto pelas relações de poder” (REVEL, 2005, p. 75–76).

^{xxx} BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 23 de Junho de 1920.

^{xxxi} BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 8 de Agosto de 1920.

^{xxxii} BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 29 de Setembro de 1920.

^{xxxiii} BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 6 de set 1920.

^{xxxiv} BLAS, Verónica Sierra, Escribir y servir: las cartas de una criada durante el franquismo. **Revista de História de la Cultura Escrita**. Alcalá de Henares, 2002, n. 10, p. 121–140, p. 125.

^{xxxv} Sobre Elza, publiquei um capítulo de livro no qual estudo as cartas da jovem enviadas do colégio Nossa Senhora de Sion e reflito sobre sua relação enquanto jovem moça entre a escola e a família. Ver: WENDLING, Isabel Schapuis. A escrita de si nas cartas de Elza Bertaso aos pais: educação feminina e subjetividades (1920–1923). In: WADI, Yonissa Marmitt; PEREIRA, Ivonete (org.). **Mulheres nas tramas da História**: performances e discursividades. São João de Meriti: Desalinho, 2023. p. 69–90. Disponível em:

<https://storage.googleapis.com/production-hostgator-brasil-v1-0-9/149/1170149/IdYsHGEb/b5ef6e40096748ae8fc9f63d24969d07?fileName=Mulheres%20nas%20Tramas%20da%20Hist%C3%B3ria%20Miolo.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2024.

^{xxxvi} BERTASO, Serafim. Carta [à mãe], São Paulo: 22 fev 1921.

^{xxxvii} FALK, 2019, p. 17; tradução nossa.

^{xxxviii} CUNHA, Maria Teresa Santos. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, Marcus Levy. Culturas escolares, saberes e práticas educativas (org.). São Paulo: Cortez, 2007, p. 96.

^{xxxix} BASTOS, 2012, p. 93.

^{xl} BERTASO, Serafim. Carta [ao pai]. São Paulo: 8 de setembro de 1922.

^{xli} MALATIAN, op. cit., 2015, p. 207.

^{xlii} Haroche-Bouzinac reflete a respeito do que chama de pacto epistolar: “A cláusula mínima e essencial para este acordo é simplesmente que haja resposta. O impulso deve ser recíproco” (2016, p. 126).

^{xliii} BERTASO, Serafim. Carta [aos pais]. São Paulo: 28 de maio de 1921.

^{xliv} FOUCAULT, op. cit., 1992, p. 153.

^{xlv} Id., p. 154.

Fontes:

Coleção Particular da Família Bertaso (CPF) – 50.00. **Cartas e correspondências, boletins, certidão de óbito, despesas dos filhos**. Ano 1914–1940. Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM).

Referências

ABRAMOWICZ, Anete. Sociologia da Infância: traçando algumas linhas. **Contemporânea – Revista de Sociologia da Ufscar**, v. 8, n. 2, p. 371–383, jul-dez. 2018.

ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na História. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 231-258.

ARIÈS, Philippe. **História Social da infância e da família**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. 1981.

AREND, Silvia Maria Fávero; MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Um norte em comum: infância no sul do Brasil na produção historiográfica brasileira. In: CARDOZO, José Carlos da Silva et al (org.). **História das crianças no Brasil Meridional**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2020.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Álbuns e escrita Infantil: escrita epistolar dos alunos do curso primário do Colégio Farroupilha (Porto Alegre/RS 1948-1966). **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 17, n. 2, p. 75-97, mai. 2012.

BLAS, Verónica Sierra, Escribir y servir: las cartas de una criada durante el franquismo. **Revista de Historia de la Cultura Escrita**. Alcalá de Henares, 2002, n. 10, p. 121-140.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de; Cartas adolescente. Uma leitura e modo de ser.... In: MIGNOT, Ana Chrystina Venacio; BATOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Refúgios do eu: Tecendo Educação, História, Escrita Autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 17-27.

CUNHA, Maria Teresa Santos. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, Marcus Levy. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas** (org.). São Paulo: Cortez, 2007.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do Coração à Caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (Décadas de 60 e 70 do século XX). **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, p. 115-142, jul./dez.2013.

FALK, P. F. Charles Wicksteed Armstrong e a eugenia positiva: estudo de caso a respeito de um eugenista e sua experiência no Brasil. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 27, n. 2, p. 11-28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8656454>.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

GÓMEZ, Antonio Castillo. "Como o polvo e o camaleão se transformam": modelos e práticas epistolares na Espanha moderna. *In*: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrytina Venancio (Org.). **Destinos das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 13-74.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. São Paulo: Edusp, 2016.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. *In*: DE LUCA, Tania Regina, PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). **O historiador e suas fontes**. Editora Contexto, 2015. p. 195 – 222.

MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o Império. *In*: PRIORE, Mary del (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 137-176.

MIGNOT, Ana Chrytina Venancio. Exercício de intimidade: uma aproximação com a aprendizagem da escrita de si. **Revista da Faeeba**: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, jun. 2013, p. 237-246.

RADIN, José Carlos. **Ítalo-brasileiros em Joaçaba**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 1995.

REVEL, Judith. **Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROSENWEIN, Barbara H. **História das emoções**: problemas e métodos. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. "Descobrimos" as famílias no passado brasileiro: uma reflexão sobre a produção historiográfica recente. *In*: SCOTT, A. S. V. et al. (org.). **História da Família no Brasil Meridional**: temas e perspectivas. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014. p. 13-39. Disponível em: <http://oikoseditora.com.br/files/Ehila2.pdf>. Acesso em: 4 maio 2021.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. História da infância, da juventude e da família: que caminhos percorrer? *In*: CARDOZO, José Carlos da Silva et al (org.). **História das crianças no Brasil Meridional**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2020. p. 14-34.

SOSENSKI, Susana. Dar casa a las voces infantiles, reflexiones desde la historia. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud: Niñez e juventud, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 43-52, 13 jan. 2016. Fundacion Cinde. <http://dx.doi.org/10.11600/1692715x.1411250315>.

Submetido: 10/05/2024

Aprovado: 30/08/2024

Publicado: 12/11/2024